

O SENTIDO DO ENTUSIASMO POÉTICO NO DIÁLOGO *ÍON*, DE PLATÃO

Tarcísio Quadros Macêdo*

Resumo: O presente artigo pretende-se uma exposição de um potente encontro entre poesia e filosofia na antiga Grécia entre o filósofo Sócrates e o rapsodo Íon. Através do obstáculo da técnica a poesia justifica seu lugar no pensamento racional com sentido existente fora da razão. Trataremos da natureza impulsiva e criadora da poesia em contraponto com o caráter racional da filosofia, consciente de si e que procura situar discursos como o poético. A caracterização tipológica do poeta entusiasmado é realizada com a intenção de delinear bem o conflito, que não é nada mais que a disposição socrática de tornar complexa e bem justificada uma ideia, identificada com a postura do filósofo com todos e todas as coisas a sua volta. O diálogo visa elucidar algumas noções tais como as de técnica e de entusiasmo como fios condutores de uma discussão sobre a natureza da poesia.

Palavras chave: Poesia. Filosofia. Técnica. Exposição. Discussão.

3

1. INTRODUÇÃO

O *Íon* é um dos primeiros diálogos do filósofo Platão, contendo o método socrático de uma dialética perspicaz que, capturando os supostos de um oponente, procura elevar sua opinião à um sentido mais refinado. O método socrático, através de uma estratégia lógica, encaminha o corpo de um diálogo, não à uma definição, uma verdade, mas ao lugar da poesia em relação aos obstáculos colocados como desafio para um poeta-rapsodo, como acontece ao longo do referido diálogo.

* Aluno do sétimo semestre do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: tarcisio15_quadros@hotmail.com.

O presente artigo não visa defender uma tese, no sentido da eliminação de um “pleito” em detrimento de outro; aqui não pretendemos colocar a filosofia acima da poesia ou o contrário. O ponto de partida é este: ambos são “amores” distintos, aquele pelo conhecimento racional, este apaixonado, embriagado sem um fim específico que não apenas sentir. Ambos são amores que fazem parte da humanidade em suas múltiplas dimensões.

No entanto, não deixará de ser enunciado, esmiuçado, esclarecido muitas das noções que compõem o *Íon*, assim como sobre a natureza da poesia, mais ligada à intuição e à criação artística. Este conhecimento, nos gregos do século IV a.C., se mostra na dinâmica do contágio “magnetizado”, reprodução criativa, assim como sobre a natureza da técnica. Na medida em que a poesia é um caminho para um sentido racional do tema da poesia no diálogo *Íon*, este artigo pretende ser uma exposição reflexiva de um potente encontro entre um rapsodo e um filósofo “que intenta” dar sentidos às muitas coisas com as quais se deparou.

4

2. O CONTEXTO E A CULTURA À ÉPOCA DO *ÍON*

Para a compreensão do que estamos tratando é preciso não esquecer que, desde a época dos homéridas até o surgimento da filosofia, o sagrado não estava apartado do atuar, poetizar, uma vez que ambos se encontravam e se expressavam, através do aedo inspirado. O rapsodo era um ator que, inspirado por divindades, mergulhava a imaginação nas formas presentes da poesia instituída.

No lidar com a arte da pintura, por exemplo, em Platão, o entendido é confessadamente levado a confessar o seu interesse específico sobre esse tema e, em contrapartida, seu desinteresse pelas demais artes. Naquela época não havia, como hoje o entendemos, um especialista em pintura, no sentido até mesmo de um âmbito interessado por tudo o que seja dela. O que havia era uma atenção admirada e específica por um pintor, por

exemplo, o que não configurava uma técnica desse ponto de vista, mas um ângulo específico de interesse por uma obra pautado em um autor que por sua vez se inspirou.

Dessa forma, muitos eram bons exegetas do rapsodo Íon, que por sua vez era ótimo intérprete do poeta Homero; mas assim como para a pintura e a música em geral, as coisas encadeavam-se de outra maneira, isso constituía uma inspiração, sagrada, também de modo específico. A civilização grega, assim como muitas das antigas civilizações, guarda essa univocidade antropológica entre divino, humano e artístico, sem, no entanto, dissolver seus componentes culturais e perder-se totalmente. Os gregos guardaram essa exuberante expressão de identidade que a nós parecerá assustadora e espantosa ao lermos, em gênero filosófico, através de um diálogo rico poeticamente, como se dava a poesia e a apreciação artísticas daqueles tempos.

A personagem Íon prefigura uma energia, uma ideia ou um *insight* filosófico. Ele é a personificação de um ideal, de um modo de captar o impulso criativo, bem como expressão das estruturas básicas, até uma instrumentalização para que o impulso poético possa se realizar. No âmbito da estética, esta é uma singularidade do diálogo *Íon*, trata-se de uma reflexão e uma provocação à arte enquanto técnica ou à técnica enquanto expressão artística através da obra de arte.

3. A NOÇÃO DE ENTUSIASMO

Aquele estado em que o sagrado manifesta algo de grande monta, na ausência do juízo, fora do controle, pode ser a definição mais genuína, embora mais imediata, de entusiasmo. O resultado assim criado e que tanto vale, no ato entusiasmado do poeta que assim valora o conceito de entusiasmo, de forma que:

[...] por isso, o deus retira deles o senso e se serve deles como servidores, e também dos cantores de oráculos e dos adivinhos

divinos, para que nós, os ouvintes, saibamos que não são eles – aqueles nos quais o senso está ausente – os que falam essas coisas assim dignas de tanto valor, mas o próprio deus é quem fala, e através deles se faz ouvir por nós (PLATÃO, 2011, 534 c-d, p. 41).

Mas não menos importante, não obstante a diversidade e abundância da noção de entusiasmo, que originando-se em algo não racional e sagrado, reveste-se da robustez dos próprios símbolos poéticos, o entusiasmar-se é ainda coisa leve: “Pois coisa leve é o poeta, e alada e sacra, e incapaz de fazer poemas antes que se tenha tornado entusiasmado e ficado fora de seu juízo e o senso, não esteja mais nele” (PLATÃO, 2011, 534 b-c, p. 39). Esse estado embriagado e feliz, através do qual emergem dádivas para os poetas que “brincam” com tais imagens, fazem do entusiasmo ao mesmo tempo um êxtase, uma mística, além de uma fonte para inovações poéticas genuínas e belas, alimentando a cultura.

A poesia da época platônica até mesmo o alimento é possível não apenas enquanto analogia, mas também presente no imaginário mítico narrativo da origem da poesia, e do impulso poético: “Pois os poetas nos dizem, não é? – que, colhendo de fontes de mel corrente de certos jardins e vales das Musas, eles nos trazem as melodias, como as abelhas, também assim eles voam” (PLATÃO, 2011, 534 a-b, p. 39).

Por conter em seus componentes algo de irracional que se coloca como sagrado, o entusiasmo evoca uma felicidade de embriaguez, através da abundância de sentido emocional, na passagem por vários sentimentos em uma atuação, inclusive triste, mas em uma relação superficial imagética, plástica, com as figuras do poeta Homero. O entusiasmado é, a um só tempo, o afortunado, o ingênuo, o alegre. Poder-se-ia dizer que a total plenitude de “estar cheio”, preenchido de sentido, próprio da abundância e exuberância do estado de entusiasmo, poderia suscitar um receio desse estado. A simples evocação do entusiasmo antigo, nos

tempos modernos, já poderia causar tal receio, no qual mais se valoriza o grande vazio que há em nós mesmos. A evocação do entusiasmo antigo nos daria mais possibilidades, considerando-se o vazio como metáfora ou ideia de um não entusiasmar-se, e, conscientes de nós mesmos e da realidade, os possíveis e “impossíveis” ficariam claros para nós.

Mas o aspecto sagrado, poético, embora não metafísico do entusiasmo, no referido diálogo, associa-o mais a ideia de prazer, de gozo, de experimentação, que faz da noção e do sentimento de entusiasmo algo sedutor e desejável, tanto no pensar sobre, quanto na reflexão estética daí resultante. A noção de entusiasmo permanece agradável, pois no seu conjunto e em seus elementos constitutivos o que se preserva é a ideia de beleza, tal como Platão a entendia inserida na harmonia e no ritmo de uma possessão:

Pois todos os poetas de versos épicos, os bons, não em virtude de técnica, mas estando entusiasmados e possuídos, é que dizem todos aqueles belos poemas, o os poetas líricos, os bons, do mesmo modo (PLATÃO, 2011, 533 e- 534 a, p. 39).

7

O entusiasmar-se é permitir-se experimentar os vários sentimentos que nos constituem em relação a nós mesmos e às coisas do mundo; é o alegrar-se ou o entristecer-se; é a “euforia” da chegada e a saudade da partida; o bom e o ruim, a felicidade e a infelicidade como experiências que compõem, no seu conjunto, uma visão da vida como obra de arte. É justamente essa a visão poética do mundo e próprio do sentimento poético presente em todos nós. A noção de entusiasmo é fundamental para compreendermos a poesia, na forma como se apresentou e continua a se mostrar em todos os poetas que cantam a vida. O poder do entusiasmo e sua importância para a poesia não se confunde com o poder da dialética platônica e sua importância para a filosofia.

4. POESIA E FILOSOFIA

Íon, o rapsodo nômade, imerso nos sentimentos, nas emoções, nas paixões e nas histórias dos personagens do poeta Homero, pode ser considerado um codificador de costumes, um transmissor da cultura através da arte. Em um diálogo com o que intenta novos sentidos, “aprimorando” opiniões, Sócrates interpõe a Íon, magnetizado pelas musas, o obstáculo da técnica, em um diálogo platônico entre a poesia e a filosofia.

O que seria a técnica senão o que, a exemplo da realidade dos ofícios dos gregos, Sócrates exigia, do ponto de vista conceitual, uma resposta de Íon para a dignidade técnica de sua poesia, assim como o artesão tem uma técnica, porque domina o todo da particularidade do seu ofício, o mesmo ocorre com o pescador e o médico. Mas qual é a especialidade do rapsodo Íon, uma vez que só o reconhecemos como rapsodo através de sua imensa entrega e imersão aos sentimentos e caprichos, reviravoltas das personagens e acontecimentos homéricos, plenamente encantado, entusiasmado? O que teria nosso rapsodo a dizer, para não tropeçar e cair, rolando de cidade em cidade e ganhando concursos nos festivais, que teria, enfim, para se justificar ao obstáculo da técnica, uma exigência de razão e lucidez socráticas a uma alma inconsciente e embriagada? De acordo com Diógenes G. M. Silva:

8

Uma das principais características da filosofia antiga mostra que há uma aproximação entre o filósofo e o poeta. Platão, ao escrever o diálogo *Íon*, expõe o encontro entre a poesia e a filosofia. Tal encontro se dá no embate entre duas tradições gregas que se complementam em seu surgimento, ou seja, o *diálogo* narra o choque de misturas literárias que aproximavam os cidadãos gregos durante as festas de *Rapsódia*. *Íon*, um vaidoso *Rapsodo* grego, oferece seus conhecimentos e talentos ao maiêutico Sócrates, e assim, inicia um duelo que preencherá todo o texto, marcando um dos encontros mais notáveis da poesia com a ironia de Sócrates (SILVA, 2014, p. 92).

Dessa forma, é marcante a potência desse encontro: se por um lado

revela, pela maiêutica socrática e seu obstáculo da técnica, a prevalência da importância da filosofia em demarcar o tema, por outro ângulo, através do entusiasmo poético, desvela a natureza da poesia, cujo “temperamento” é escorregar por sob qualquer discurso ou juízo que se faz sobre ela, ainda que acertado na forma que se propôs. Pois que não deixamos de admirar a “encantada” resposta de Íon ao “xeque-mate” socrático da técnica, para quem “Uma coisa difere muito da outra, Sócrates. Pois é muito mais belo o ser considerado divino” (PLATÃO, 2011, 542-b, p. 59). Em outros termos, ao ser perguntado sobre a justiça ou injustiça de sua posição, a resposta do rapsodo coincide com o juízo filosófico, mas pelo critério da beleza...

O poeta ou inspirado, enfim, o entusiasmado é muito mais intuitivo e dado a experimentação. O próprio ato de entusiasmar-se pressupõe, ou melhor, exige esse deixar-se levar e sair do controle, no gozo de uma paixão, de uma emoção, de um sentimento, de uma loucura. O deixar-se arrastar parece ser mesmo a liberdade da poesia, que não exclui a hipótese do erro, mas também a da felicidade de um encontro, como descreve Fábio Galera:

O conceito de *enthousiasmós* é endossado como parte fundamental de um sistema que explica tanto a dimensão poética do fenômeno literário, quanto sua recepção. Nos termos de uma linguagem contemporânea, este sistema explicaria a *produção poética*, ou seja, a proveniência originária do fenômeno literário, a origem do impulso criativo, bem como sua realização formal; e ainda a recepção estética, ou seja, o modo de afecção produzido pela obra literária em seus leitores/espectadores (GALERA, 2012, p.14).

Logo, no embate com a técnica, o poeta afirma-se nesse lugar de impulso, mas não qualquer impulso, porque é belo demais para que não seja calculado de alguma forma. Se não é pelo juízo, pelo estar sóbrio que

esse cálculo cria performances tão espetaculares através do contágio, essa inspiração só pode ser divina. Para a razão e julgada a partir do olhar lúcido do filósofo esta inspiração deveria ser classificada como uma técnica, mas aos olhos das musas é através da “perda da razão” que surgem magníficas expressões com as quais nos deleitamos, graciosidades para o também justo descanso de nosso controle. Os momentos dionisíacos é que permitem suportar os momentos apolíneos da vida e não o contrário!

Da mesma forma que necessitamos da técnica para as ciências, ou tomada como a busca de um sentido, uma epistemologia, essa mesma necessidade técnica está presente em qualquer forma de conhecimento racional. Iniciada na filosofia, a poesia ainda permanece nos teatros, saraus, novelas televisivas, que transmitidas no mesmo horário em uma mesma região ou país, seriam os atores “rapsodiando” da forma mais abrangente que a tecnologia nos permitiu, se consideramos o alcance da televisão. Temos literatura, música, ópera.

10

O fenômeno da “magnetização” e do contágio estéticos continua como herança viva dos gregos no ocidente até hoje. Não desconsiderando como o fenômeno, assim desta forma entendido, tenha se dado de diferentes formas e em distintas culturas, o alcance dessa discussão entre técnica e poesia ainda permanece presente. Assim como um rapsodo e um filósofo reuniram-se um dia para discutir o que é poesia e o que é filosofia, podemos dizer que essa relação aprofundou-se, uma vez que a arte, enquanto estética e entrega sensível a algo sensível, contribui para a sensibilização em diversos níveis, por exemplo, através de documentários científicos, por exemplo, assim como um dia a filosofia resolveu contribuir com a poesia.

5. A ORIGEM E A NATUREZA DO IMPULSO CRIATIVO

Poderia as exigências da razão, em confronto com aquilo que sente e apenas sente, revelar algo ou muito da natureza desse sentir, quando, ao reagir a essa “barreira”, o comportar-se desse sentir desvia, alegremente seu impulso, afirmando sua verdade?

O “insondável” mundo do impulso poético, origem primitiva da criação artística, revela-se na atitude inapreensível e surpreendente de um rapsodo em um diálogo de Platão. O filósofo Sócrates, no diálogo com Íon, introduz o problema formulando uma questão que se estenderá ao longo de toda a conversa e que será o fio condutor para pensarmos, através da personagem Íon, como reage o próprio entusiasmar-se, pensarmos essa origem e a natureza de um impulso que se revela, porém, não em termos racionais. A pergunta-guia do diálogo é explícita: “Entendamos, pois, através desta questão: a técnica da pintura é, então, uma técnica que leva em consideração o todo?” (PLATÃO, 2011, 532-e, p.35).

11

A partir dessa problemática, o diálogo *Íon* será um “ataque” sistemático a essa pretensão à totalidade do discurso inspirado expresso na rapsódia, na poesia, enquanto conhecimento, saber que domina esse todo. No entanto, não deixa de surgir, “do outro lado”, a saber, na poesia, várias indissiocracias muito interessantes, como aquela em que, em determinado ponto do diálogo, Sócrates tenta associar a arte de comandar exércitos com o fazer poético.

Não deixa de ser necessário notar, a nível de uma observação, que é como se o rapsodo Íon estivesse falando de um “outro mundo” e não apenas de uma prática que não pudesse ser concebida racionalmente – como se fosse um conhecimento técnico e disponível a todos que quisessem – sem recorrer ao sagrado, mas de uma *outra visão de mundo* à qual a própria filosofia entra em confronto, procurando afirmar seu

discurso como uma *nova visão de mundo*.

Se Íon, na condição de rapsodo, parece mostrar-se convencido ou mesmo inclinado às ideias socráticas, não deixa de ser notáveis suas resistências, no sentido de um nivelamento do discurso entre os dois, no qual a poesia, a arte (o artístico), manifesta no encantamento, ainda que pela vaidade, gera curiosidade e mesmo espanto em relação ao ofício de rapsodo. Ao expor sua explicação acerca da origem sagrada do poetizar, Íon, de algum modo, está sendo poeta ao admirar-se das palavras de Sócrates:

Sim, Por Zeus, a mim certamente. Pois, de algum modo, tu me tocas com essas palavras, a alma, Sócrates, e a mim os bons poetas parecem interpretar essas coisas dos deuses junto de nós em virtude de uma concessão divina (PLATÃO, 2011, 535-a, p. 41).

De acordo com Fábio Galera:

Nesta disputa, de um lado temos o modo de compreensão, interpretação e representação do fenômeno literário próprio ao rapsodo. Este, em seu ofício compreende, interpreta e é capaz de encenar a obra homérica, produzindo com isso um efeito encantatório em seu público, embelezando as obras de Homero (GALERA, 2012, p. 5).

Íon, enquanto ator-poeta inspirado, manifesta uma reação fugidia e desembaraçada que tem muito a dizer sobre a natureza do poeta, ou seja, sobre o comportamento de alguém tomado por esse impulso criativo em ato. O saldo do diálogo revela que o rapsodo é um tipo específico e, mesmo fora do ato da inspiração, diz algo de sua natureza quando interpolado por aquilo que não a é.

6. CONCLUSÃO

Poesia já era poesia antes de uma reflexão filosófica que esclarecesse seu estatuto dentro de um conjunto de coisas que se tentou conceber racionalmente. Mas o que dizer de algo que não reclama para si um conhecimento “ajuizado”, consciente, e que existiu e continua existindo ainda que todas as luzes racionais tenham interposto seus raios, mas que ao contrário dos outros objetos pensados, ou de muitos deles, tenha revelado ainda assim sua própria luz e seu próprio esplendor como desafio à razão?

Íon, rapsodo, permanece amante do belo e já estava pronto para concorrer em mais um festival com sua bela soberba, sua bela ignorância de si, pois se sentia inspirado e um forte candidato a levar o prêmio. O que nos faz olhar com espanto para esse apaixonado, entusiasmado, inconsciente rapsodo? Mesmo quando sabemos que sua rapsódia é influenciada mais pela beleza do que pelas razões de uma fala, que miragem oculta estamos contemplando, que encanto é esse?

Ainda que não tenhamos desenvolvido, talvez nem suficientemente enunciado aqui, Íon é de uma tradição anterior ao nascimento do discurso racional que estava surgindo na Grécia e que repensaria todos os costumes e o próprio estatuto poético-enunciador de costumes. Mas se a poesia deixou de ditar as regras, sua dimensão se faz presente na existência humana, revelando que o homem é estético além de racional. Íon é tudo o que reprimimos, muitas vezes, pois no tocante a arte poética, o esclarecimento muitas vezes ressentido e, de vez quando, precisamos esquecer.

A discussão sobre o sentido do entusiasmo no diálogo Íon revela, por fim, a sobrevivência da poesia, neste debate entre filosofia e poesia. Meditar sobre este encontro nos faz repensar e encarar aquela nossa dimensão que precisa sair do controle para gerar frutos ou para fruir os frutos da inspiração poética. É bem provável que a poesia permaneça em nós, convivendo com a técnica, com a razão, de um modo que o discurso filosófico ou científico seja incapaz de suplantar...

REFERÊNCIAS

GALERA, Fábio. A compreensão da *téchne* como epistémé no *Íon*: um modelo hermenêutico de racionalidade. **dEsEnrEdoS**, ano 4. Jul.- ago.- set., 2012, p. 1-18.

PLATÃO. *Íon*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Diógenes G. M. O rapsodo inspirado e o falso especialista: uma breve leitura do *Íon* de Platão. **Theoria**, v. 6, n. 15, 2014, p. 91-103.

Tarcísio Quadros Macêdo

<http://lattes.cnpq.br/1987970829484879>